

REINALDO MORAES
TANTO FAZ
& ABACAXI

**NOVAS EDIÇÕES,
REVISTAS PELO AUTOR**



Copyright © 2011 by Reinaldo Moraes

1ª edição de *Tanto faz*: Coleção Cantadas Literárias, Brasiliense, 1981

2ª edição de *Tanto faz*: Azougue Editorial, 2003

1ª edição de *Abacaxi*: Coleção Olho da Rua, L&PM Editores, 1985

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Retina_78

Preparação

Ana Lima Cecílio

Revisão

Marise Leal

Luciane Helena Gomide

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moraes, Reinaldo
Tanto faz & Abacaxi / Reinaldo Moraes. — São Paulo : Companhia
das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1821-2

1. Ficção brasileira I. Título.

11-00998

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

1

Chega no studiô e cai matando numa cerveja gelada. Arroto formidável de barítono, que lhe evoca os sabores distantes do jantar. Janela escancarada para o verão. Abafamento. Madrugada.

Tira a camisa. Acende uma bagana em boas condições de uso. Entre os cotovelos apoiados na mesa, a máquina de escrever. Pita calmamente, queixo escorado nas mãos, olhar escapando pela janela. Lembra da caminhada de fim de tarde à beira do Sena. Pescadores, turistas, namorados. Num ponto menos movimentado do cais, sacou a mandioca e deu uma reluzente mijada. Reparou que seu pau, muito do sem-vergonha, aproveitava pra dar uma crescidinha na sua mão. Muita água sempre lhe dera tesão. O mar, por exemplo, já fora batizado várias vezes com sua gala. Das melhores trepadas da sua vida tinha sido com Flora no mar da Ilhabela. O calor da água, o rebolado das vagas, a leveza dos corpos, o gozo sob o sol.

Escreve num esguicho: água tarde mulher. Recosta na cadeira. A baganinha moribunda lhe queima os dedos. Último tapa, longo, tosse violenta.

Matutando. A cidade está fora do meu quarto, mas eu estou dentro da cidade. Dentro e fora. A hierarquia sensível da reali-

dade é a seguinte: primeiro meu quarto, depois a cidade lá fora. Aí vêm o país e o mundo. O país e o mundo são notícias impresas no jornal intacto jogado no chão. Um gole descuidado de cerveja faz um fio gelado lhe escorrer pelo canto da boca e pingar em seu peito peludo. Corrige-se: primeiro meu corpo. Depois o quarto, a cidade, o país, o mundo.

Tudo isso escrito, vai cagar. Passa a mão num livro qualquer pra lhe fazer companhia na privada. Calhou de ser poesia. Abre ao léu e topa com um poema que começa assim: todo anjo é terrível.

Todo anjo é terrível. Uns meses antes da viagem, pichara esse verso num muro cor-de-rosa recém-pintado da rua Artur de Azevedo. Sônia no carro, ansiosa, controlando a rua pra ver se não pintava polícia. Ricardo espreiando o verso com letras caprichosas. **TODO ANJO É TERRÍVEL**. Depois foram pichar no muro do cemitério da Cardeal Arcoverde. Sônia lascou: **TESÃO VOZ UNE**.

— Com z?! — gritou Ricardo do carro, coração disparado, pé cutucando o acelerador.

— Com z — respondeu uma Sônia sem saco pra minha aparente incompreensão acerca da incomensurável profundidade translingüística implícita naquele trocadilho juvenil.

Deram a volta no cemitério. Na rua dos fundos, Ricardo pichou: **BEIJOS DEMORADOS NÃO PODEMOS MENTIR**. Voltando pra casa, reviram a própria obra e a dos outros grafitistas nos muros do caminho. São Paulo virava um texto. O lírico, o sarro, o nonsense superavam o político. Passaram de novo pela esquina onde todo anjo continuava terrível. Ricardo sentiu que aquela molecagem diminuía um pouco a diferença de dez anos que o separava de Sônia.

No apê de Ricardo, fizeram um chá. Treparam. Dormiram.

Saindo da privada, bota um disco na vitrola. Dia claro. Se mira de corpo inteiro no espelho: trintanos pelados. An old beatle song. Half of what I say is meaningless, but I say it just to

reach you, Julia... Ricardão peladão espichado na cama adormece. Seashell eyes, when you smile...

2

A cidade me excita todos os dias, como uma nova namorada.

3

Estou atrás da Sabine. Ela fala me olhando direto nos olhos, pegando na minha mão, diante do grande espelho que nos reflete. Escutando Caetano: they want to chase me, in the hot sun, of a Christmas day. But they won't find me, in the hot sun of a Christmas day. Ela se estende nas almofadas e fecha os olhos. O espelho não a reflete mais. Eu fumo devagar. Essa ruga na testa. Ela me disse há pouco: gosto dos homens que têm um coração inteligente. Estou triste e a fumaça azul acentua ainda mais minha tristeza. Blue. Na janela refletida no espelho a lua minguava. Vejo à minha frente a lua atrás de mim. Não sei bem por quê, mas apostaria que o primeiro filósofo foi também o primeiro cara a contemplar a si mesmo e ao mundo através de uma superfície reflexiva. Noite gelada de dezembro. Triste feliz. Feliztre. Tristeliz. A felicidade não é necessariamente alegre. Me acho bonito triste assim no espelho. Minhas mãos brancas, meus dedos longos. Meus olhos escuros atrás de duas mechas de cabelo que me cobrem parcialmente a testa como um cortinado duplo. Sabine cochila. No espelho, ele continua me seduzindo com esses olhos escuros. But today, but today, but today, I don't know why, I feel a little more blue than then. Minha barba negra, mais preta que meus cabe-

los. Meus cabelos compridos, como já não se usa mais. Babacool, como eles me chamam aqui. Pernas cruzadas à iogue. Meu nariz mais pra grande que médio. Um nariz reto, que sai bem decidido da testa alta, larga. I'm wandering round and round nowhere to go. Sabine acorda e diz que vai se deitar. Beija com vontade minha boca seca, me afaga os cabelos macios de xampu recente. Gosto demais das mãos dela nos meus cabelos. Go looking for flying saucers in the sky. Meu pescoço fino sai da gola rulê e logo some atrás da barba. Me olho demorado nos olhos. Olheiras suaves que deslizam oblíquas pela minha cara e somem num ponto indefinido. Estou triste. E feliz. Ela me pede, do topo da escada que liga a sala ao mezanino, que a acorde com carinhos quando entrar na cama. Respondo com um sorriso que conservo na cara para admirá-lo no espelho. Me espanto de ver que não há sorriso nenhum. Só uma ruga quase imperceptível num canto da boca. Flying saucers. Fabrico uma pose interrogativa, apoiando o queixo no punho, em pose de escritor pra foto de orelha de livro. Meus olhos escuros não me contam nada. O clek da vitrola é o sinal que me põe na rota do mezanino, onde me espera a cama quente e o corpo de Sabine, que sonha abraçada a um travesseiro.

4

Tem vez que Ricardo pega um livro e fica enrolando na cama até o sono chegar. Quando chega, se entrega a ele feito uma moça. Prazer de embarcar na trip do sono, curiosidade de saber o que vai passar no telão do sonho. De olhos fechados, todo mundo vira cineasta. I had a dream today, o boy...

Tarde de outono com chuva e garoa. Ricardo deixa as árvores do jardim de Luxemburgo morrendo em diversos tons de

amarelo e vai se enfiar debaixo dos cobertores. Leva um romance pra cama, mas não chega nem a abrir a *Viagem ao fim da noite* — puxa logo a maior palha.

Meia hora depois, batem na porta. Ora, bate co'a cabeça, resmungando baixinho. Solta um já-vai! mal-humorado e se enfia depressa na calça Lee. Atropela um pentelho com o zíper, ai, porra!, e vai abrir a porta.

— Marisa, chérie! — exclama Ricardo quando vê a amiga.

— Chi, Ricardinho... Te acordei, né? Que cara de travesseiro...

— Bom... digamos que eu tava co'a cabeça em ondas curtas, mas, sendo você, tudo bem. Se fossem os portugueses das testemunhas de Jeová de novo querendo me converter, como outro dia aí, eu saía logo na porrada. Mas tu és bem-vinda até nos meus sonhos, Marisoca — galanteia Ricardo, aplicando duas beijocas carinhosas na amiga.

— Tô saindo do cinema aí do lado, puta filme genial, francês, antigão, o *Les enfants du paradis*. Saca? Tem uma cena que o cara vai espiar a lua da janela do hotel e topa, na janela em frente, co'a mesma mulher que ele tinha cantado na rua, à tarde. O cara então abre um baita sorriso e diz pra ela: Paris é pequena para os que se amam como nós! Lindo, né?

— Pode crer, eu manjo esse filme. Realmente do caralho. Você já comeu?

— Não, nada. Eu bem que encarava um sandubinha agora. Ou até uma janta, viu. Tem comida aqui? — pergunta a recém-chegada, descrente.

Ricardo mete a mão na massa. Impressionante como as mulheres admiram a iniciativa culinária num cara solteiro. Antes, inaugura uma botelha de um tinto barato, servindo a amiga e a si, em bem pouco elegantes copos de requeijão, um deles ainda com pedaços do rótulo. Abre um armário embutido onde se esconde a cozinha do studiô, saca dois bifés e um pé de alface da minigeladeira. Sapeca a frigideira no fogão elétrico e se põe a preparar um dos únicos menus que domina com relativa maes-

tria: bife com salada. As outras escassas possibilidades sendo: macarrão na manteiga e sopa de pacote.

— Já tô de saco cheio de bife com salada — reclama Ricardo.
— Às vezes, acho que até arroz com bosta caía melhor, pra variar.

— Arroz com bosta particularmente não aprecio muito, Ricardinho, mas seu bife viria a calhar — responde delicadamente Marisa. Que raro talento tem essa garota de ouvir as maiores grossuras com naturalidade e bom humor, como boa conversadora que é.

A carne chia na frigideira. Mansa, bebericando seu vinho no copo de requeijão com a dignidade distraída de quem empunha uma flûte de champanhe, fala de coisas variadas, pernas cruzadas, cigarro entre os dedos longos e finos. Ricardo cutuca a carne com o garfo e recebe na cara a baforada gordurosa. Pergunta à amiga:

— Marisoca, e a transa com o Chico, hein? Desculpe entrar assim de bunda nas suas intimidades, mas eu torro de curiosidade de saber como funciona essa transa na sua cabeça.

— Tudo bem, Ricardinho. No secrets. O Chico é um paraquedista que despenca de repente na minha cama pra depois sumir durante dias, semanas. Costuma me ligar às três da madrugada com aquela voz de cachorrão na chuva: “Dá pra pousar aí hoje, Marisa?”. E me aparece de cinco minutos a uma hora depois, completamente torto de álcool, maconha e cinema. A gente fica se amando até cair no sono e, quando ele acorda, no meio da tarde, a rotina é: um love rápido, ducha, café preto, cigarro, um beijo, “Te ligo, me liga, tá?”, e bye-bye porta afora.

Ricardo não tinha sacado ainda o quanto a amiga caía pelas tabelas de paixão pelo Chico. Diz, em defesa do amigo e de si próprio:

— Você vai achar suspeita a minha opinião, mas eu acho isso aí muito legal. Tem sua beleza. Bem melhor que a prisão a dois do casamento, o contrato entre dois bocejos e quatro pés de chinelo, como diz o Drummond.

— Talvez, sei não. Em todo caso, eu sempre tive tendência a me ligar em caras que entram na minha vida pela tangente. Já brinquei muito de ser a outra, ou uma das.

— Mas é justamente esse o grande dilema da puta da vida, Marisa: ser cônjuge ou amante? Ter marido pode até ser muito confortável pra uma mulher, e vice-versa. Alguém devia pesquisar os casamentos ditos felizes pra saber como é que funciona esse troço. Porque eu conheço muito casamento que se segura nos ganchos mais loucos. O Chico mesmo tem uma prima casada que recebe uma mesada especial do marido adivinha pra fazer o quê?

— Menor ideia.

— Pra coçar o saco do cidadão antes de dormir. Verdade; a fulana faz-lhe um cafuné no saco e o cara dorme de perna aberta, feliz como um Buda depois de uma feijoada. E, como esse, deve ter porradas de casamentos que se seguram nessas artes, numa bela chave de buceta, no tamanho privilegiado de um cacete. Cê não acha?

Marisa dá um tempo antes de responder. É provável que não ache. Ricardo serve os bifés nos pratos já providos de alface e rodelas de tomate.

— A rigor, Ricardinho, eu deveria ficar escandalizada com essas barbaridades machistoides que você adora falar. Mas sei lá se a carne não fala mais alto mesmo. Agora me diz um negócio, você que entende do assunto: e os amantes? O que são os amantes?

Entre nacos de entrecôte com verdura e goles de tinto barato, o papo vai pedalando:

— Os amantes? Ora, os amantes... os amantes são aqueles canalhas adoráveis em quem o homem e a mulher pensam quando estão trepando com os respectivos cônjuges.

Marisa ri gostoso. Se ela tivesse um marido, certamente treparia com ele pensando no Chico, seu legítimo amante. Embora quisesse tê-lo é como marido integral. A noite se detém para ver Marisa acabar de rir. Depois, segue em frente.

Pode ser efeito da fumacinha cheirosa que os dois partilham, misturado ao barato do vinho, se não foi qualquer brisa mais forte que lhe bateu na alma, o fato é que Marisa abriu de vez a bica das confissões. Vai contando:

— A primeira vez que eu trepei foi com um desses caras que pegam carona na minha vida. Faz um tempão isso, eu tinha dezesete anos, ele namorava a minha melhor amiga em São José. Nessa época, minha mãe já tinha morrido, eu morava sozinha com o velho num baita casarão no bairro mais chique de São José dos Campos...

5

Ontem Marisa me baixa aqui no meio da minha soneca crepuscular. Comemos uns bifés, queimamos unzinho. Me contou como foi sua primeira trepada. História de primeira trepada de mulher é sempre mais interessante que de homem. Mulher, em geral, não conta bravata sexual. Não trepa com puta nem empregadinha. Não se trata de preconceito contra puta e empregadinha. Pelo contrário, essas mulheres deviam cavalgar os cavalos de bronze dos generais em praça pública. Simplesmente, as histórias que passam por aí tendem ao convencional. Enfim, a Marisa se empolgou, falava com muitos e largos gestos. Sem o Chico por perto pra monopolizar a conversa, revelou-se uma grande contadora de causo. Conseguiu ficar menos elegante e mais moleca. Dizia:

— A história toda começou na festa de aniversário da Cida. O namorado dela, o Zé Carlos, era um sujeito boa-pinta, fazia arquitetura, fotografia, tinha um sorriso aberto que nem te falo. Simpatião, sabe? Uma hora lá, fui ao banheiro. Aproveitei para espiar pelo vitrô o que se passava nos fundos da casa. Tocava “California Dreamin’”, se lembra dessa música? Um carinha

abraçado a uma árvore vomitava grosso. Pessoas conversavam de copo na mão. Aí, num canto mais escuro, atrás de umas plantas, flagrei uma tremenda cena: Zeca dando o maior malho na Cida. A mão dele debaixo da blusa dela. Altos e violentos beijos. A certa altura, ele pegou e levantou de vez a blusa da Cida e caiu de boca nos peitos da minha amiga, ela com os braços cruzados em cima da cabeça, rendida, perdida. Te juro, fiquei completamente molhada vendo aquilo. O espetáculo acabou pra mim quando começaram a bater na porta do banheiro. A partir daquele dia, a presença do Zé Carlos começou a me inspirar um pouco mais que simpatia.

— Vinte centímetros a mais. Desculpa. Continua.

— Um dia, num restô chinês que a gente frequentava, o único de São José, minha perna distraidamente roçou na do Zé Carlos, por baixo da mesa. Deixei minha perna encostada na dele. Ele deu uma roçadinha. De leve. A Cida do lado da gente. Deixei ele roçar. Corei. Me arrependi. Tirei a perna. Afinal de contas, a Cida ali, tão amiga... Uns dias depois, o Zé Carlos me deu um disco do Caetano. Deu na frente da Cida, na maior legalidade. Nessa época, eu fazia cursinho pra arquitetura e nem todo pessoal politizado curtia Caetano. Tinha quem achasse ele uma bicha maconheira alienada. Por causa das guitarras, do cabelo, das roupas, dos versos estranhos das músicas. Caretice esquerdista típica. Mas eu convivía com esses caras. Uns deles, bons amigos, acabariam se fodendo de verde-amarelo, tempos depois, no pau de arara da ditadura. Mas essa é outra história. O fato é que eu ainda estava naquelas de samba de protesto, o morro não tem vez, morte e vida severina, CPC, esses papos. Mas ouvi aquele LP solo do Caetano Veloso com atenção, porque era presente do Zé Carlos. E quanto mais ouvia, mais gostava. Que mistérios tem Clarice?... lembra?

— ...pra guardar assim tão triste... — ajuntei eu.

— ...no coração — arrematou Marisa. — Pois é, acabei amando de paixão esse disco, o Caetano e todo lance da tropicália. Alegria, alegria!